

**NOTA DE ENVIO**

---

de: Praesidium  
para: Convenção

---

**Assunto: Sessão de 21/22 de Março**  
**– debate geral**

Os cidadãos da Europa têm a sensação de não serem ouvidos a respeito do futuro da Europa.

A primeira fase da nossa Convenção deve ser, por isso, uma fase de auscultação.

Assim, a nossa primeira sessão será dedicada à auscultação dos próprios Convencionais.

Pedimos-lhes que nos digam o que esperam, a título pessoal, da Europa do século XXI.

De acordo com a índole da nossa Convenção, as suas observações não serão dirigidas nem à Presidência, nem ao Praesidium, mas aos colegas, os outros Convencionais, pois é com eles que lhes compete encontrar uma abordagem comum sobre o futuro da Europa.

Cada um terá total liberdade de expressão.

Para preparar esta troca de ideias, transmitimo-vos novamente o trecho da Declaração de Laeken que diz respeito ao desejo de Europa.

## **EXCERTO DA DECLARAÇÃO DE LAEKEN**

A Europa vê-se confrontada com um duplo desafio, um interno e outro externo.

No interior da União, há que aproximar as instituições europeias do cidadão. Os cidadãos subscrevem, sem dúvida, os grandes objectivos da União, mas nem sempre entendem a relação entre esses objectivos e a actuação da União no quotidiano. Pedem às instituições que sejam menos pesadas e rígidas e, sobretudo, mais eficientes e transparentes. Muitos consideram também que a União se deve dedicar mais às suas preocupações concretas e não entrar em pormenores em domínios que, pela sua natureza, poderiam ser confiados com vantagem aos eleitos dos Estados-Membros e das regiões. Alguns vêem mesmo nessa atitude uma ameaça à sua identidade. Mas, o que é porventura ainda mais importante, os cidadãos consideram que, demasiadas vezes, tudo é combinado nas suas costas e desejam um maior controlo democrático.

### **O novo papel da Europa num mundo globalizado**

Por outro lado, fora das suas fronteiras, a União Europeia vê-se confrontada com um mundo globalizado em rápida mutação. Depois da queda do muro de Berlim, afigurou-se que iríamos viver por muito tempo numa ordem mundial estável e isenta de conflitos, que assentaria nos direitos humanos. Ora, passados poucos anos esta certeza desapareceu. O dia 11 de Setembro veio abrir-nos brutalmente os olhos. As forças contrárias não desapareceram. O fanatismo religioso, o nacionalismo étnico, o racismo e o terrorismo estão a ganhar terreno e continuam a ser alimentados pelos conflitos regionais, pela pobreza e pelo subdesenvolvimento.

Qual o papel da Europa neste mundo alterado? Não deverá a Europa, agora que está finalmente unida, desempenhar um papel de vanguarda numa nova ordem planetária, o de uma potência que está em condições de desempenhar um papel estabilizador a nível mundial e de constituir uma referência para inúmeros países e povos? A Europa, continente dos valores humanistas, da Magna Carta, da Bill of Rights, da Revolução Francesa, da queda do Muro de Berlim. O continente da liberdade, da solidariedade e, acima de tudo, da diversidade, o que implica o respeito pelas línguas, culturas e tradições dos outros. A única fronteira que a União Europeia estabelece é a da democracia e dos direitos humanos. A União apenas está aberta aos países que respeitem os valores fundamentais, como eleições livres, o respeito das minorias e o respeito pelo Estado de direito.

Agora que a guerra fria acabou e que vivemos num mundo globalizado, e simultaneamente fragmentado, a Europa deve assumir as suas responsabilidades na gestão da globalização. O papel que deve desempenhar é o de uma potência que luta decididamente contra todas as formas de violência, terror ou fanatismo, mas que também não fecha os olhos às injustiças gritantes que existem no mundo. Em resumo, uma potência que se propõe alterar as relações no mundo por forma a que não ofereçam vantagens apenas aos países ricos, mas também aos países mais pobres. Uma potência que pretende dar um enquadramento ético à globalização, ou seja, enraizá-la na solidariedade e no desenvolvimento sustentável.

## As expectativas do cidadão europeu

A imagem de uma Europa democrática e empenhada a nível mundial vai perfeitamente ao encontro dos desejos do cidadão. Este manifestou muitas vezes o seu desejo de que a União desempenhe um papel mais importante nos domínios da justiça e da segurança, da luta contra a criminalidade transfronteiriça, do controlo dos fluxos migratórios, do acolhimento de requerentes de asilo e de refugiados provenientes de zonas de conflito periféricas. O cidadão quer igualmente resultados nos domínios do emprego e da luta contra a pobreza e a exclusão social, bem como no domínio da coesão económica e social. Reclama uma abordagem comum no que respeita à poluição, às alterações climáticas e à segurança dos alimentos. Trata-se, em suma, de questões transfronteiriças que ele, intuitivamente, sabe que só podem ser enfrentadas através da cooperação. Tal como pretende também mais Europa nos assuntos externos, da segurança e da defesa, por outras palavras, uma acção reforçada e mais bem coordenada na luta contra os focos de crise latentes no seio da Europa, em seu redor e no resto do mundo.

Simultaneamente, esse mesmo cidadão considera que a União vai demasiado longe e tem uma actuação excessivamente burocrática em muitos outros domínios. O bom funcionamento do mercado interno e da moeda única deve continuar a ser a pedra angular da coordenação do enquadramento económico, financeiro e fiscal, sem se pôr em causa as especificidades dos Estados-Membros. As diferenças nacionais e regionais são muitas vezes fruto da história ou da tradição e podem revelar-se enriquecedoras. Por outras palavras, o que se entende por "boa governação" é a criação de novas oportunidades e não de novos factores de rigidez. O que importa é produzir mais resultados, melhores respostas a questões concretas e não criar um super-Estado nem instituições europeias que se ocupem de tudo e mais alguma coisa.

Resumindo, o cidadão pretende uma abordagem comunitária clara, transparente, eficaz e conduzida de forma democrática. Uma abordagem que transforme a Europa num farol que indique o rumo para o futuro do mundo. Uma abordagem que dê resultados concretos traduzidos em mais emprego, melhor qualidade de vida, menos criminalidade, um ensino de qualidade e melhores cuidados de saúde. Não há dúvida de que, para tanto, a Europa se deve renovar e reformar.